

## Quarto-mundo

Maurício Porto

A cidade pensada como o “mundo-aí” é o substrato que confere a espacialidade maior ao acompanhamento terapêutico. Este artigo escolhe o ângulo da cidade para focalizar a prática de acompanhamento.

Certo sábado de manhã, o telefone tocou em minha casa. Era um terapeuta fazendo-me um pedido para que eu fosse à casa de Armando, seu paciente. Eu deveria ir naquele mesmo dia, à tarde. E no dia seguinte, de novo. Cinco horas no sábado e cinco horas no domingo.

Armando estava tratando-se no hospital dia A Casa. Morava com a própria mãe, os dois apenas, e há uma semana tivera uma grave crise. Naquele dia, desde que chegara em sua residência, no final da tarde, tendo terminado seu dia de tratamento, ele permanecera agitado, discutindo e se confundindo com a mãe. Para exemplificar a que ponto chegava o enredamento entre mãe e filho, conto o fragmento de uma cena que pre-

senciei durante uma saída de acompanhamento terapêutico, meses depois: Armando havia hostilizado sua mãe, pressionando-a para que lhe preparasse um macarrão com molho putanesca. Chego na casa deles logo após o término do almoço. Com olhos arregalados, talvez de raiva e susto, Armando aumentava a pressão hostil, andando em volta de sua mãe na cozinha, enquanto ela lavava o prato dele. Nesta situação incômoda, vendo-o girar em torno de si e sem saber o que fazer, Vanda lança o comentário que encaixa como a

Maurício Porto é psicanalista, trabalha em consultório, no hospital dia A Casa e na Estação Cooperativa de Acompanhamento Terapêutico. Agradeço a Regina Cavalcanti (Chu), a Renata Cromberg e ao pessoal da Estação, pelas conversas e sugestões.



luva perfeita da ambigüidade: “Ah, filho! Estou toda molhada”. E ele, agora com os olhos já esbugalhados, entende tal comentário no sentido mais provocativo, o sexual. Se eu não estivesse ali para intermediar a conversa, não saberia dizer como eles sairiam de mais um enrosco que atava os dois.

No dia da crise, esta ordem de confusões entre Armando e a mãe fora aumentando gradualmente, invadindo a madrugada, sem que nenhum dos dois pudesse dormir. Armando discutira, recolhera-se em seu quarto, deitara-se, rolara na cama, fumara na sala, fora até o quarto da mãe, brigara, batera a porta, deitara-se na cama da mãe, fora expulso do quarto, voltara ao quarto da mãe, mais discussões, até que acabou por sair correndo, nu e gritando, no meio da madrugada, pelas ruas da vizinhança, até ser recolhido pelos guardas-noturnos. Buscou nas ruas do bairro o recurso para não ir assediar sexualmente a mãe em seu quarto, em um misto de amor e violência. Ali, só a cidade pôde salvá-lo de uma privacidade sem saída.

Nos dias seguintes a este episódio, as duas irmãs de Armando, ficaram na casa da mãe, tentando evitar os mal entendidos que mãe e filho criavam com rapidez e facilidade naqueles tempos. As brigas continuaram, agora entre todos, com ameaças de agressão. A chance de brigarem, sem se destruírem, se conseguissem, seria até positiva, mas o receio de uma explosão era enorme, e todos se recusavam a agüentar o desgaste causado por toda esta situação. Um acompanhamento terapêutico, no fim de semana, quebraria a união mortífera que Armando e sua mãe estabeleciam depois de passarem horas juntos, sozinhos, dentro da casa onde já morara toda a família. Poderia ser que minha simples ida à casa de Armando interrompesse o circuito entre mãe e filho. Além disso, se Armando e eu fizéssemos um vín-

culo, ele teria momentos no fim de semana nos quais estaria envolvido com outras coisas que não sua mãe.

Eu podia trabalhar estas dez horas do fim de semana. Fui naquela mesma tarde à casa de Armando e continuei fazendo isto por mais dois anos.

Minha simples  
ida à casa poderia  
interromper o  
circuito entre mãe  
e filho.

Apertei a campainha. Veio me receber uma senhora loira, excessivamente maquiada, o que lhe dava um ar antiquado e artificial. Soube, não sei como, que era a mãe de Armando. Vanda e Armando estavam avisados que eu iria até lá, às catorze horas. Muito aflita, esfregando as mãos, ela abriu o portão de sua casa e logo me disse: “O Armando esta lá dentro, sentado na sala. Ele esta muito nervoso hoje.” Havia uma espécie de envergonhamento em sua fala. Percebi em mim que a expectativa aumentou, que se esboçou uma preocupação e percorreu-me um leve tremor que sabia tratar-se do meu temor.

Entrei na casa. Escura. Atravessei o *hall*, sozinho. À direita, a sala de refeições, a esta hora já arrumada do almoço. À esquerda, um corredor e uma escada que levava para o piso superior. Nesta escada, as paredes eram brancas e percebi que estavam pixadas com frases que não conseguí ler. Mas as inscrições eram vermelhas e aquela tinta vermelha, escorrendo, causou-me uma forte

impressão. “É uma casa de loucos”, eu pensei. Tudo em silêncio. Eu já estava muito tenso. Segui em frente, rumo à sala de visitas, que conservava as janelas todas fechadas, era mais escura que a casa e cheirava a cigarro.

Cheguei à sala e intuí Armando na escuridão. Daí tudo aconteceu ao mesmo tempo, em menos de um segundo. Pisei em alguma coisa que fez barulho sob meus pés, vidrilhos de algo que se quebrara. Armando me disse um olá e disse que agora estava mais calmo. A voz da mãe veio de algum lugar mais distante, uma voz em *off*, falando que ele acabara de quebrar a televisão. Eu enxerguei a televisão caída num canto, e vinha daquele caixote um mar de caquinhos do tubo catódico espatifado, abrindo-se progressivamente em nossa direção, em forma de cone. Em minha mente surgiu a cena de um filme de Antonioni, *Zabriskie Point*: a excessiva repetição, em câmera lenta, da explosão de uma televisão evocando a explosão do “sistema”. Eu imaginei escutar o barulho, “pow”, que acabara de acontecer.

Naquela altura, já estava completamente temeroso. Por dentro, tremia. Ainda conseguia perguntar-me se era para mim que Armando queria mostrar tudo aquilo, eu que chegava pela primeira vez em sua casa, e o que seria tudo isto. Numa mistura de intuição e reflexão, pensei, no segundo seguinte, que aqueles dois estavam novamente em apuros, minha presença ali poderia interromper algo entre eles. Aquele ambiente estava insuportável de tão pesado, Vanda mais trêmula do que eu, ele dissera que agora estava mais calmo e, sentado, fumava com a tranqüilidade de quem assistia a televisão que não existia mais. Propus a Armando que saíssemos para caminhar pelas alamedas do bairro em que ele morava. Aceitou. Eu imaginava um pouco de ar para poderemos conversar...



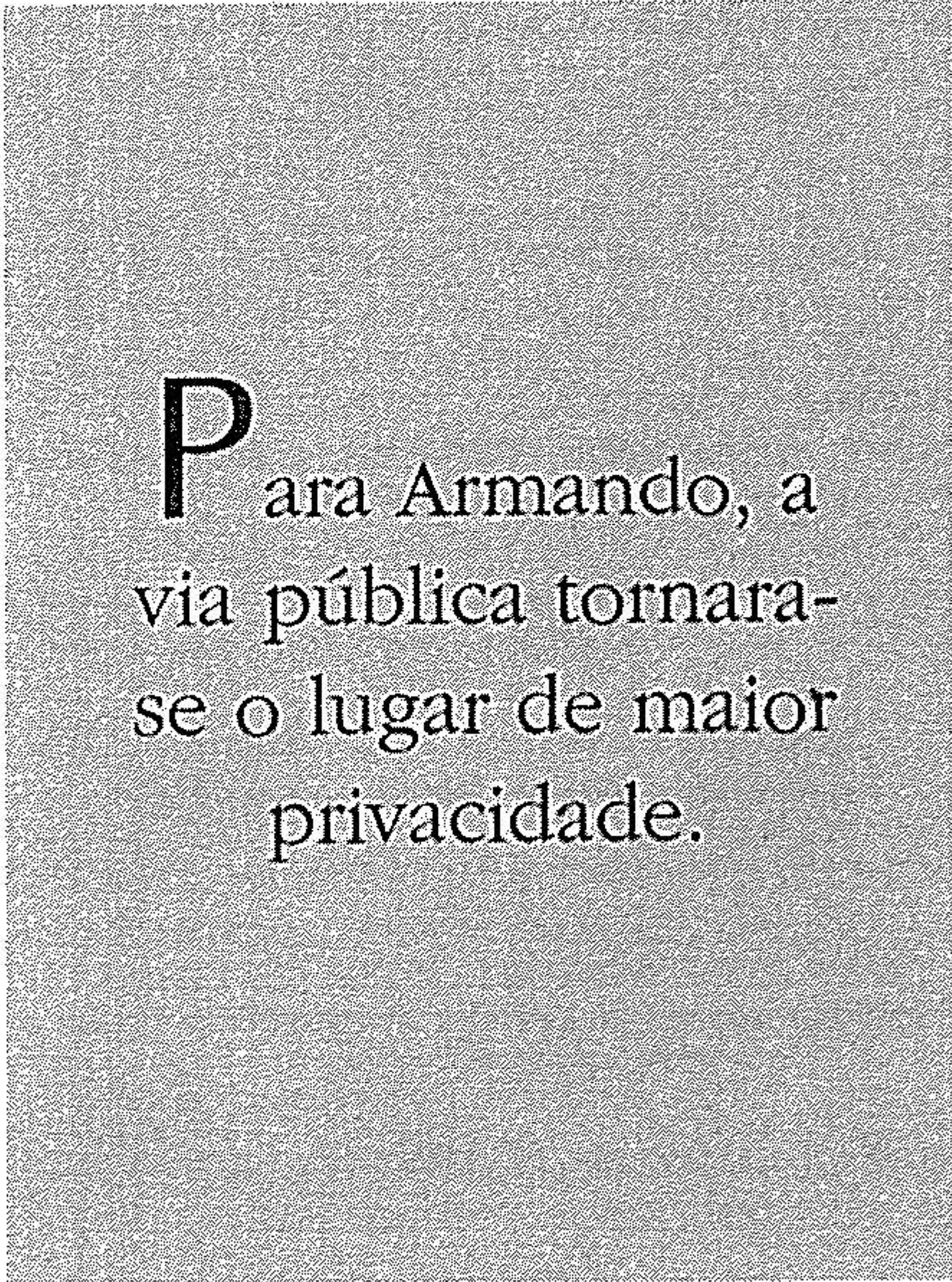
Fomos dar o primeiro passo depois de termos fechado o portão mas, de repente, Armando estancou e virou-se de volta para sua casa. Pensei que não íamos mais sair, que ele desistira. Mas Armando abaixou-se para dar um beijo de despedida na boca de sua cachorra, através do portão. Depois de beijar seu focinho, apresentou-me: *Witch, that bitch*<sup>1</sup>.

Passeamos durante algumas horas, pelas ruas arborizadas da bucólica Vila Nova Conceição. Era uma tarde azul de outono. Armando falou de si, daquilo que acabara de acontecer em sua casa e, principalmente, da bruxa que era sua mãe. Só depois do final da saída eu percebi que buscara, novamente nas ruas da cidade, como Armando fizera na noite da crise, o espaço onde ele poderia se sentir com um lugar mais próprio, menos usurpado e não tão entregue a "outros que o engolissem". Mais uma vez, para Armando, a via pública tornara-se o território de maior privacidade!

Este embaralhamento do público com o privado, entrevisto quando Armando foge em direção à rua, porque é na rua que espera recuperar sua personalidade, me fez pensar na Antigüidade, onde a vida pública era privada, e na cidade que não é uma só. A residência que, do ponto de vista contemporâneo, seria o lugar da maior intimidade, oferece uma boa noção da fusão entre o público e o privado na Antigüidade, já que expressa tanto os planos do urbanismo quanto as teorias da cidade. Assim, não se pode avaliar as moradias romanas sem levar em conta o conjunto dos equipamentos colocados à disposição dos habitantes da cidade. Raramente havia água corrente nestas moradias. Daí que as fontes, os banhos e as latrinas fossem públicos, alimentados pelos aquedutos da cidade.

Muitas vezes, na residência dos notáveis, antecedendo a entrada principal, acrescentou-se um vasto alpendre invadindo a rua, que fazia parte e enriquecia o acesso à casa

e, ao mesmo tempo, era coerente com a arquitetura da cidade e destinava-se a facilitar a circulação dos pedestres. A entrada da casa, lugar de articulação entre os espaços público e privado, recebia um tratamento luxuoso, inscrevendo a importância e as ambições do proprietário e impondo aos transeuntes a maneira como deveriam apresentar-se. Transpostos os dois ou três batentes sem portas, que funcionavam como portas de entrada, delimitando com certa displicência o dentro e o fora, ingressávamos diretamente em dois vastos cômodos: o vestíbulo e o átrio.



Para Armando, a via pública tornara-se o lugar de maior privacidade.

O vestíbulo, sempre vigiado por um guardião, o *ianitor*, era mais um espaço de transição, por um lado já pertencente à casa e, ao mesmo tempo, sujeito aos controles vindos do exterior. Nele o nobre recebia seus clientes, fornecedores que compunham a rede de dependência daquela casa, todos obrigados a prestar-lhe rituais homenagens matinais (*salutatio*); ali, ele também distribuía as gratificações e os víveres.

O átrio era o núcleo da casa: rodeado de pórticos em torno do qual se acomodavam as diversas partes da casa, com um pátio central, a céu aberto, ornado de tan-

ques com plantas decorativas, convivinha à vida íntima dos moradores tanto quanto destinava-se, por sua suntuosa encenação, à afirmação do prestígio do proprietário perante os convidados. Sendo o lugar de acolhida dos visitantes, a parte pública da residência, era também fonte de ar e de luz para os aposentos que se espalhavam a sua volta. Usando o pátio central como complemento essencial e em estreita ligação com ele, situavam-se as salas de refeições e os triclinios, lugares de recepção por excelência. Estes eram os lugares onde o dono da casa afirmava sua posição e seu poder, onde exibia sua fortuna e sua imagem; onde se assegurava a coesão familiar no âmbito mais amplo do pessoal da casa; onde se acolhiam os sacerdotes itinerantes para uma refeição sacrificial; onde se exibiam as dançarinas, as cortesãs, onde se tocava a música e se representava a comédia. Era também o lugar onde reinavam as maiores ameaças, pois junto com os prazeres dos banquetes moravam os perigos morais da mesa, as mais temíveis audácias que precisariam ser controladas. Ao redor dos leitos de refeição se teciam as diversas formas de sociabilidade, desde as relações entre os cônjuges até a maneira como os moradores concebiam suas relações com as pessoas de fora. Aí, o dono da casa e os convivas expunham sua maneira de viver, situando-se em relação à sociedade e a seus hábitos. Os dormitórios apenas confirmavam a justaposição e o privilégio do comum sobre o particular, já que faziam parte de uma organização espacial em que os cômodos eram acessíveis sempre a partir dos espaços centrais coletivos, que serviam à circulação e à reunião.

"Poucas vidraças. Nada de chaminés, nada de fogões. Nas cidades, era como ainda é na atual Pompéia, nesse rude inverno de 1984, em que as portas das lojas ficam negligentemente abertas porque faz frio tanto dentro como fora.



Então, como hoje, vivia-se agasalhado, na rua ou em casa, e ia-se para a cama inteiramente vestido (os poetas eróticos queixavam-se das cruéis que não tiravam seu manto nem mesmo na cama). Como hoje, braseiros ardião cá e lá, sem conseguir aquecer o ambiente. Pouco mobiliário. Alguns leitos para dormir ou fazer as refeições, mesinhas redondas de três pés, alguns armários, cadeiras, prateleiras.

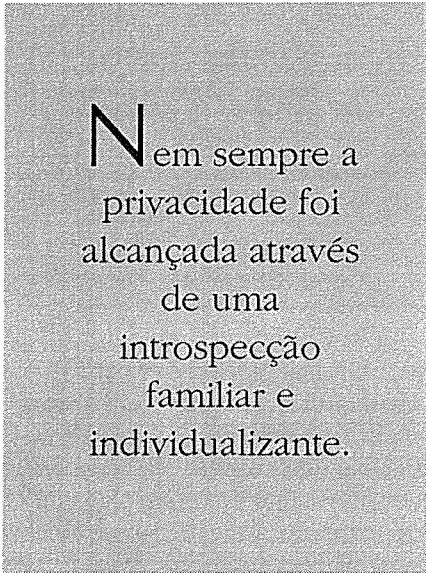
A morada é antes de tudo um amplo espaço vazio que percebemos, muitas vezes, já desde o limiar: uma fileira não de salas fechadas, mas de espaços: pátio coberto, átrio, jardim com jorros d'água, triclinos; mais espaços vazios do que cheios. Respira-se à vontade nos volumes vazios. Ao redor deste vazio se dispõem quartos tão pequenos que surpreendem pelo tamanho. Cada um se retira à sua cela para dormir ou ler, mas todos vivem nos vazios centrais, para os quais se abrem, em toda sua amplitude, as salas de refeições, como caixas às quais se retirou uma das quatro faces."<sup>2</sup>

Além disto, podemos identificar um outro modo de ocupação, agora no sentido inverso, partindo do privado na direção do público, ao constatarmos a inexistência de um claro princípio diretor restritivo sobre o espaço público. Assim, algumas vezes e sem qualquer problema, a ampliação de uma residência avançava sobre uma passagem, chegando a ocupá-la por inteiro, inscrevendo-se violentamente na paisagem urbana, de modo que aquela passagem deixava de ser uma via pública, transformava-se em beco, ficando o pedaço de rua totalmente incorporado à propriedade particular.

O que ressalta nesta arquitetura é a "não-separação" entre o público e o privado. A compartimentação dos espaços da moradia não visa proteger a intimidade. Há, quando muito, uma compartimentação temporal: pela manhã, a

residência se arma para a visita dos clientes e à noite o dono da casa recebe para o jantar. Este modo de habitação, em que o proprietário é tão mais importante quanto melhor acolhe os visitantes e pode dedicar-se a fazer isso com luxo, onde o privativo é tão mais valioso quanto mais permite o acesso de tudo aquilo que pede passagem, vindo do exterior, favorece um deslizamento do espaço urbano para dentro dos interiores, impregnando-os. Por isso, na Antigüidade, o cidadão só se sentiu em casa na cidade; principalmente, se a cidade era cercada por seu mais belo enfeite, as muralhas.

Bem, se Armando fosse um ilustre cidadão da Antigüidade, não teria vivido, como viveu, aquela dualizada claustrofobia esganadora. Tendo em mente o modo como se constituía a relação do público com o privado até o final do império romano, diria que ele não teria tido como armar, com sua mãe, aquela privacidade



Nem sempre a  
privacidade foi  
alcançada através  
de uma  
introspecção  
familiar e  
individualizante.

secreta. A disposição e a utilização do espaço privativo dificilmente permitiria que seus desejos proibidos fossem mobilizados em uma intimidade a dois, então desconhecida. Retrocedendo àquela época, por exemplo, com o rei Édipo, diria que a maldição anunciada como enigma se realizou com um encontro fatal à

beira de uma estrada. Depois, a longa convivência incestuosa do filho com a mãe, que lhe deu quatro filhos, foi vivida, em desconhecimento, publicamente.

Ultrapassadas as proibições, tanto Édipo quanto Armando vivem aproximadamente a mesma coisa: horror e fuga, desterro e sofrimento. Mas, por um lado, o filho-rei, em sua errância, pareceria não ter sentido ali apenas o epílogo de sua tragédia pessoal. Acompanhou-o, durante todo seu exílio, uma dor e um lamento que lhe dedicaram seus ex-súditos, digno de quem é depositário de uma carga exorbitante. Sendo alguém que poderia devolver a um povo inteiro a prosperidade perdida, destinaram-se-lhe exigências e expectativas coletivas. Já Armando, incógnito, encontra na perambulação, mais ou menos desesperada, pelas ruas da cidade, a materialização de sua condição insustentável e desenha para si o lugar dos que ficaram sem lugar. Se para Édipo, a praça em Colono lhe dera um lugar e uma condição, para Armando, a ocupação das ruas é sinal de que lhe faltava a privacidade mínima que lhe conferiria um mundo interior.

O que tanto Armando quanto os nobres cidadãos da Antigüidade nos fazem ver é que nem sempre a interioridade teve o mesmo contorno unitarista, que nem sempre a privacidade foi alcançada através de uma introspecção familiar e individualizante ou de um recolhimento monástico.

Assim, nos tempos da sociedade feudal, a noção de interioridade já se transformara. O espaço privado apareceu desdobrado em duas esferas distintas: uma esfera fixa e outra nômade. A primeira funcionava em torno do lar, familiar. A esfera nômade deslocava-se no espaço público, mas não menos celular; como uma comunidade privada, erigia seus brasones e suas leis internas dirigidos principalmente para regulamentar a defesa contra as agressões de um po-

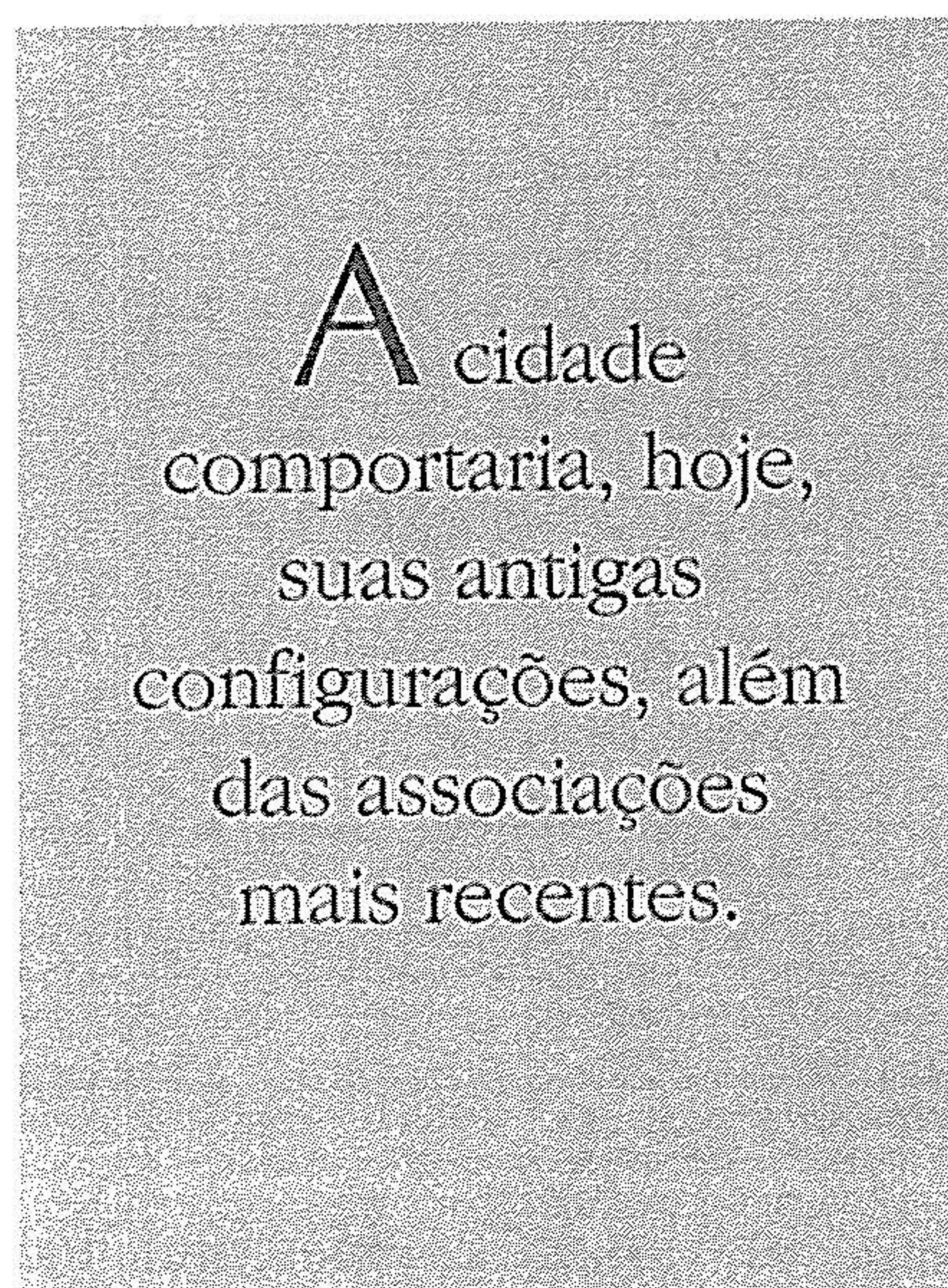


der público, ainda residual, mas que almejava coibir as usurpações dos particulares. O que se assistiu nesta época, foi uma cruel batalha pelo direito à existência e uma vizinhança pouco pacífica, entre os mais diversos grupos, os mais variados exércitos, os mais diferentes clãs, além dos Estados incipientes, ansiando estabilidade e domínio. Ondas de massa cruzando terras, com destinos mais ou menos ilustres, lutando para gestar e fazer vingar sua própria Ordem.

Suponho que, atualmente, é a multiplicidade e a polifonia que compõem muitas das cidades. Não somente por seus bairros-guetos, mas também porque nelas convivem os funkeiros, os roqueiros, os metaleiros, os mauricinhos, patricinhas e ricardões, os neonazis, os punk-anarcas, os skaters, os videogamers, os que usam *ecstasy*, os cheira-cola, os drogaditos separados pelo tipo de "pedra" que consomem, a boemia, os homossexuais, os bissexuais, os celibatários, os cinéfilos, os artistas moderninhos, os psicanalistas, todos os "istas", "ôres" e "ólogos", e sei lá mais quantos outros tipos que encontraram seus pares. Como se, hoje, a cidade comportasse o acúmulo de todas suas antigas configurações, aparentemente ultrapassadas, resultado do correr do tempo, além de todas as associações recentes engrossando seu caldo.

Foi uma destas dimensões da cidade que se abriu para mim, à medida que trabalhava em uma outra situação de acompanhamento terapêutico. Atendi um rapaz de vinte e dois anos que parecia, porém, um garotinho divertindo-se com jogos de futebol, figurinhas de álbum e quadrinhos do Cebolinha. Sua puerilidade tornava-o uma espécie de bichinho de pelúcia. Todos o tratavam como uma criança grande demais. Era objeto ou de cuidados excessivos, ou de gozações maldosas, ou de tratamentos oligofrênicos, ou de manipulações perversas.

Na realidade, Flávio tinha pavor do mundo. Carregava dentro de si muitos monstros intergaláticos, figuras ameaçadoras que tiravam sua calma e seu sono. Ele rejeitava, a princípio, qualquer coisa nova. Só se aproximava de um desconheci-



do em companhia de seu motorista ou de sua mãe, às vezes presente. Não era como um garoto de três anos que, diante de uma situação nova, agarra a mão de sua mãe e, com este pilar, experimenta olhar para o inédito. Com ele, jamais havia a paciência necessária para que pudesse divisar o nunca visto.

Assim, Flávio restringira-se aos seus percursos mais conhecidos. Andava sempre pelos mesmos caminhos, entre Higienópolis, Pacaembú e Perdizes. Preenchia seu mundo com automatismos bastante desgastados. Sempre os mesmos movimentos. Abandonara a escola com dezoito anos, sem conseguir colocar no lugar nenhuma outra coisa que pudesse lhe dar a sensação de estar crescendo como indivíduo. De vez em quando ia à fábrica do pai, como o filho do dono, "trabalhar", mas ninguém lhe confiava, a sério, alguma tarefa. Frequentava cursos, sem obter qualquer aproveitamento em nenhum deles, mudando de um para o outro de

acordo com suas "manias". Deste modo, já passara pela musculação, pela pintura, pela aula particular, pelo aeromodelismo, pelo tênis, e assim, infinitamente. A terapia ocupacional e a análise, que ele fazia em conjunto com o acompanhamento, pareciam ser dos poucos lugares que escapavam minimamente destes automatismos.

Amigos, não tinha mais nenhum. No prédio em que morava era visto como o "bobo", restando-lhe apenas brincar com os garotos de oito ou nove anos. Na sua casa de praia, era o estranho de quem todos zombavam. Nas aulas, era o garoto problema que não conseguia acompanhar o grupo. Até a torcida organizada do Palmeiras já o rejeitava, ainda que ele soubesse tudo do time e de todos os times, do mundo inteiro, indistintamente.

O acompanhamento terapêutico com Flávio tinha a intenção de ajudá-lo a criar formas de relação com estes grupos que o marginalizavam. Ou facilitar o acesso a outros grupos, onde Flávio se sentisse mais confortável. Minhas expectativas, e as dos outros terapeutas, não poderiam ser exageradas, como as da família. Flávio e eu sabíamos que haveria problemas em experimentar coisas novas. No início, saíamos uma vez por semana, para fazer passeios pela cidade. Eram passeios sem aquele motorista que tratava-o como o filho do patrão rico, que precisava ser satisfeito em tudo, como se satisfizesse um príncipe idiota. Passeávamos, sem que ele tivesse que corresponder ao já-devia-ser, que vinha da família. Nem sempre conseguíamos sair. Quando o fazíamos, íamos, no máximo, de ônibus, a lugares que Flávio já conhecia. Nada de muita novidade. Nestes percursos, ele andava como fazem as crianças pequenas, que experimentam ir um pouco mais longe dos pais, mas sempre voltam para certificar-se que eles ainda permanecem ali, no mesmo lugar. Finalmente, houve o dia em que conseguimos chegar ao desconhecido Sesc



Pompéia. Ele entrou aí como se entrasse em uma mistura de trem fantasma, montanha russa e fliperama.

A partir daí, Flávio ganhou alguma autonomia. Em uma certa época, um pouco depois, ainda bastante ocupado por seus monstros extraplanetários, ele desejou tatuar-se. Começou a falar, do mesmo modo ininterrupto como fazia com outras coisas às quais se ligava, sobre os tatuadores, os tatuados, os métodos, as figuras, a estética. Comprava inúmeras revistas de *tattoo*, lotadas de sugestões de desenhos para serem reproduzidas no corpo inteiro. Ele gostava da vertente demoníaca. Depois de muitas dúvidas, decidiu cravar em seu braço um fantástico dragão guerreiro, de ares bem *heavy metal*, na minha opinião, medonho. Tanto os outros terapeutas quanto eu, ficávamos muito temerosos com aquela escolha de Flávio, já que ele dizia que teria em seu dragão um companheiro com quem conversaria, e que não o deixaria nunca sozinho. Tratava a futura tatuagem como um ser com vida própria que tivesse pousado em sua pele; como uma espécie de amigo imaginário, destes que às vezes temos na infância, só que sem qualquer imaginário, ao contrário, impresso em seu braço esquerdo. Eu, junto com os outros terapeutas, tentávamos criar mediações para esta formulação, através de conversas e do aumento da frequência dos atendimentos. Comecei, inclusive, a comprar junto com ele os decalques dos chiclés de bola, com os quais podia se tatuar, mas que ficavam colados ao corpo pelo tempo que se desejasse e depois se apagavam. Buscávamos criar sentido para aquela necessidade tão fundamental. Nada disto fez Flávio mudar de idéia e a tensão da preocupação foi aumentando entre nós. Parecia-nos muito delicado deixá-lo instalar esta marca física sem intermediários, que poderia funcionar como abertura para a perda de uma tênue noção do próprio corpo individuado. Insistíamos investindo contra isto.

Diante de tamanha pressão, Flávio encontrou uma saída providencial. Levou-me para os subterrâneos da tatuagem, que ele já conhecia bastante bem. Falando-me do que era um corpo assim pintado e da tribo que compartilhava este código particular, apresentou-me o tatuador com quem mais simpati-

**P**assei a imaginar  
que se tratava de  
um agrupamento,  
um estilo ... um  
lugar de possível  
inclusão.

zara, um artista competente cujo corpo era decorado do pescoço até os punhos... Ficando um pouco por ali, percebi que Flávio fazia um contato bem menos pueril, e isto me impressionou. Ainda vi mais três outras pessoas bem coloridas, e outras duas mais comedidas, com um ou outro desenho nas costas ou no calcanhar. Aquele dragão de Flávio foi ganhando novas dimensões, perdendo em mim seu aspecto terrorífico e passei a imaginar que se tratava de um agrupamento algo medieval, cavaleiros de uma tábua qualquer, um estilo, tudo um pouco marginal, meio escondido e fora de época. Para Flávio era um lugar de possível inclusão. Mudei minha concepção, e todo o gesto de tatuar-se passou a ter outra significação, "menos doida". Depois desta cena, contei o que me aconteceu aos outros terapeutas e fomos enxergando, naquelas impressões, configurações possíveis para os monstros, obscuros e terríveis, de Flávio. O trabalho de acompanhamento prosseguiu e ele não enlouqueceu por causa das tatuagens.

\*

Até meados do século XII, cada indivíduo que desejou libertar-se do convívio englobante característico das células fechadas da época feudal, para tentar procurar seu caminho pessoal, foi logo tido ou como herói, ou contestador, ou louco simplesmente. Em todo caso, foi sempre empurrado para o domínio do "estranho". Só a partir do século XIII, inaugurou-se o desenvolvimento de uma nova concepção de privacidade no seio do gregarismo familiar, já não mais tão destoante: ser si-mesmo no meio dos outros, com seus próprios bens, seu quarto, seu baú, sua bolsa, suas moedas, seus próprios pecados, seus sonhos, com seu segredo. Progressivamente, os espaços fora da família, restrita ou extensa, foram se discriminando e se constituindo como o lugar exclusivo das trocas sociais, esboçando o que conhecemos atualmente por individualidade, por intimidade e por urbanidade. Mas, pensemos que, se o povo judeu diz que comemora neste ano a passagem dos cinco mil setecentos e tantos anos e se do século XIII ao nosso século XX não somamos mais que setecentos anos, foram cinco mil anos em que se ignorou qualquer forma de relação entre o público e o privado minimamente próxima à atual; e não vamos nem fazer esta conta partindo dos orientais, que devem estar calculando seus oito mil anos...

A humanidade percorreu um longo caminho, passando por toda a educação dos sentidos, pela instauração da intimidade, alcançada através da experiência burguesa, até chegar aos dias de hoje. Embora carregando nas tintas do apocalipse, às vezes tal qual um Nostradamus tardio, Paul Virilio, em seu livro *O Espaço Crítico*<sup>3</sup>, classifica, com felicidade, muito da nomenclatura que constitui nosso discurso regular nos dias atuais: imagem sintética, guerra pura... Ele pensa algumas consequências da eco-



nomia transnacional e das conquistas tecnológicas de ponta que permeiam as sociedades contemporâneas. Nos últimos quarenta anos, a robótica vem desmontando as grandes indústrias, produzindo um desemprego estrutural e, junto com isto, vemos sucumbir as cidades industriais. Além disto, a moeda corrente das trocas sociais passou a aproveitar e exigir toda a velocidade, a versatilidade, a visibilidade e o volume, trazidos pelas descobertas ótico-eletrônicas. A maioria das operações financeiras, mercantis, científicas, informativas, artísticas, de lazer, de segurança e defesa, passaram a contar com a informática para se realizarem. O mote de Virilio é a tela catódica como o meio primordial de contato do homem com os outros homens, seja a tela da televisão, do vídeo, da teleconferência ou, principalmente, do computador. Um grande olho *orwelliano*, encruzilhada de todos os meios de comunicação, cada vez mais onipresente nas nossas relações, só que agora sem barreiras em qualquer sentido, com todo mundo olhando para todo mundo, com todo mundo se olhando, e isto tudo já indo constituir a própria biologia humana. Uma espécie do tão antecipado terceiro olho, determinando uma série de alterações nos nossos modos de relação, produção e funcionamento corporal, emocional e intelectual.

Desta perspectiva, acompanhei um “cliente premonitório”, com quem me esforçava para fazer algum trabalho, já que ele se recusava com firmeza a deixar seu quarto para qualquer outra parte, cada vez que eu o convidava para uma saída pela cidade. Tendo enlouquecido após um namoro que terminou bruscamente, fechando-se desde então em seu quarto e em si mesmo, o máximo que concedia era visitar uma amiga que conhecera em uma de suas duas internações psiquiátricas. Com ela, algumas vezes, podia fazer sexo de seu modo singular, preenchendo o ato sexual

com nuances “pré-sádicas”, do tipo “eu vou comer sua xoxota” (indo mordê-la, pronto para mastigá-la). O prazer de ambos era intenso. Quando o conheci, Marcos ia, de manhã, ao escritório de seu tio para fazer um trabalho que tinha dificuldades para executar, tão tomado que estava por rituais compulsivos e pensamentos persecutórios envolvendo os companheiros da empresa. O resto de seu tempo passava ou deitado acordado, olhando para o teto e “viajando” em histórias cujas personagens eram os pais, ou telefonando para alguns “Disque 900”. Se encontrava parceiros dispostos do outro lado da linha, podia falar as barbaridades que conseguisse inventar a respeito dos modos crus de fazer amor. Gastava fortunas pagando a Telesp a cada mês, o que prova que ele não gozava sozinho e que são mesmo infinitas as formas de fazer amor.

O computador foi uma inovação tecnológica fundamental em sua vida, ainda mais depois que ele ingressou em uma BBS. Com sua senha, comunicava-se com outros maníacos da informática, alguns talvez mais estranhos do que o próprio Marcos. Seu mundo foi se tornando progressivamente aquilo que lhe chegava pelo computador, as informações, as dicas, os serviços, as contas, os grupos, as piratarias, e as telemizadas. Sair para passear era um projeto cada vez mais esdrúxulo que eu vinha lhe propor. Apesar disto e sem que eu percebesse a princípio, começou a me falar de si mesmo, mostrando-se como nunca fizera antes. Nos interstícios de sua fala, foi me dando aulas de informática. Muito do conhecimento que tenho hoje a respeito destas máquinas, devo a ele.

As garotas começaram a surgir, também pelo computador. Foram excitando-o até o ponto de Marcos desejar ardentemente conhecê-las. Brigitte em especial, cuja vida já sondara, as preferências, as afinidades,

as idiossincrasias, a versão de seus softwares. Naquela época, eu já me contentava em acompanhá-lo sentado, escutando dele o mundo que brotava, virtual, pela tela de seu CD Rom, para dentro de seu quarto. Acompanhava seus pensamentos, suas fantasias e principalmente seu medo de realizar um contato, agora nem sei bem como escrever: ao vivo? encarnado? em presença corporal? Titubeio nos termos porque, nestes tempos de comunicações telemáticas, é quase viável pensar em uma corporeidade de cristal líquido, uma encarnação em bits, a vida atribulada de um exclusivo navegante das infovias, tudo isto constituindo também a vida. Quando Marcos ocupou o mesmo espaço físico de um shopping center, com Brigitte, a conversa não foi para a frente. Ele voltou decepcionado, ficou mais louco ainda por uns dois meses, tentando metabolizar sua frustração, e depois se estabilizou novamente, mais decidido do que antes a não sair de seu quarto-mundo. Eu temia chegar em sua casa um dia e ele não me notar mais, exilado em sua vida privatizada, preso, sugado e digitalizado pela tela de seu Macintosh. Esta minha fantasia nunca se concretizou, mas ela indicava, pelo menos, que era difícil, para mim, compreender e validar este cotidiano de Marcos. Parei de acompanhá-lo antes da Internet, e não sei por onde ele continuou sua vida.

O computador  
foi uma inovação  
tecnológica  
fundamental em  
sua vida.



Lembrei-me do acompanhamento terapêutico deste cliente pós-moderno, pois sua loucura tende a ser cada vez menos louca, se continuamos nos desenvolvendo na vertente apontada por Virilio. Marcos parece introduzir uma variável problemática para pensarmos o acompanhamento: seguindo Virilio, a adaptação que processamos hoje, em termos globais, é resultado das últimas invenções tecnológicas. Atualmente, não se trata tanto de administrar a ocupação dos espaços da cidade, mas gerir a distribuição e a duração do tempo gasto por cada um. Cada vez mais, trata-se menos de isolar pelo encarceramento mas vigiar sem descanso o trajeto dos indivíduos, uma vez que se sabe ser possível interceptá-lo com a varredura eletrônica instantânea. Também não se trata de cercar as cidades, como já se fez, com portas estabelecendo um interior e outro exterior, uma vez que, contando com as câmeras ultra-rápidas de sistema multiespectral, os detectores com células fotoelétricas, a termografia infravermelha, os radares inteligentes, tudo tornou-se transparente. As fronteiras perdem sua realidade geopolítica, substituídas por sistemas imanentes de transporte, que reorganizam o face a face humano, o contato urbano, em uma interface homem/máquina.

A centralidade e a axialidade do dispositivo urbano há muito perderam o lugar. À militarização das megalópoles, promessa de um projeto de segurança máxima, resposta esvaziante à necessidade de recomposição do espaço urbano, associaram-se os efeitos do império da boca catódica: ter tudo o que é do mundo, chegando ao cidadão, em qualquer Alphaville que ele esteja, por sua tela-janela - essa espécie de nossa pele mais recente, através da qual fazemos o contato com o exterior, agora completamente acessível, todo o tempo e com qualquer lugar. Confinados ao acesso à superexposição de tudo, ao acha-

tamento de todo relevo, à absoluta intercambialidade dos lugares, estamos obrigados a elaborar novas noções de espaço (que deixa de ser delimitador para tornar-se comutador), de tempo (que deixa de ser cronológico para tornar-se instantâneo) e de pensamento (que deixa de ser dialético para tentar ser analógico). Não se pode mais supor como antes um "próximo" e "distante" se tudo pode passar no mesmo lugar; um "micro" e "macro" se tudo tende a ser virtual; um "visível" e "invisível" quando há superexposição; um "público" e "privado". Este exílio em uma vida privada onde a intimidade foi banida, determina relações societárias atópicas, sem tato nem contato, que influem diretamente no funcionamento psíquico de cada um de nós, dando lugar a novas formas de existência, às vezes mais eficazes, às vezes mais terríficas.

\*

As práticas terapêuticas que aproveitam a potencialidade do próprio ambiente em que um sujeito se constitui (e o acompanhamento terapêutico enquadra-se aqui já que pretende utilizar a presença do mundo que envolve os personagens de uma saída), precisariam levar em conta as mudanças sociais e os novos materiais urbanos que fornecem a matéria prima para a construção psicológica de cada um de nós. Deveriam atentar para as últimas e invisíveis formas de controle que o "terapêutico" pode ir tecendo: ou um enclausuramento no meio das ruas, obtido através da oferta de modelos de identificação que o acompanhante pode propor ao cliente para que ambos circulem pelo espaço urbano sem problemas, sem riscos de ficarem discrepantes nem causarem estranheza, ou a permissividade desdenhosa, alcançada através do culto à tolerância, onde aparentemente todos têm direito à diversidade quan-

do, na verdade, conta-se com estes hiperpotentes mecanismos de rastreamento do cidadão, para forjar uma pseudo-liberdade que apenas isola o sujeito com o cinismo da compreensão absoluta.

Só se considerarmos os movimentos contemporâneos, inclusive os que vão desde as grandes ondas das massas de fiéis fundamentalistas, sejam eles bombardeadores da França e do Japão, fratricidas das iugoslávias e dos orientes médios, negros americanos enviados de Alá professando um irônico racismo de tonalidades ku-klux-klan, a Internacional dos carceres, os chutadores de seitas inimigas - novos pelés da religiosidade - ou uma pequena multidão, cheia de estandartes, ocupando as ruas de Higienópolis para enterrar um papafpista<sup>4</sup>, passando pelo obscuro genocídio de miseráveis e crianças paridas pelos neoliberalismos, até chegar à crescente indústria de um narcisismo absolutista que visa dar condições para uma existência autocrática do só-Um, bastante, auto-suficiente, autoerótico, autoengendrante, telecomunicante, que tende a excluir a passagem do tempo e a presença inquietante do outro, se considerarmos e criticarmos, aproveitando o que pode haver, se houver, de aproveitável nestes movimentos para a prática de acompanhamento terapêutico, poderemos criar um pensamento que seja sintônico com a história do presente e, também, coerente com as intervenções que se valem de uma postura que atravessa as épocas: franquear, a cada ser humano, sua capacidade de reinventar a *força* do mundo. ■

## NOTAS

1. Que, em português, quer dizer algo como: "Bruxa, essa putinha".
2. P. Veyne, *História da vida privada*, vol. 1, São Paulo, Companhia das Letras, 1990, p. 303.
3. P. Virilio, *O espaço crítico*, São Paulo, Editora 34, 1993.
4. Pode parecer incrível, mas essas "barbaridades" todas juntas não são mais do que a reunião das manchetes de jornal do mês em que escrevia este artigo, o mês corriqueiro de outubro de 1995.